

opiniões

brasilgaliza: ensinar literatura brasileira na galiza, algumas considerações

BrasilGaliza: Some notes on teaching Brazilian literature in Galicia

*Vivian Rangel**

Resumo

Este artigo apresenta considerações sobre o ensino de literatura e culturas brasileiras na Galiza, a partir da experiência de um Leitor brasileiro na Faculdade de Filologia da Universidad de Santiago de Compostela (USC). Há 20 anos a USC conta com professores brasileiros que devem repensar estratégias didáticas para ensinar na Galiza, onde o ensino para estrangeiros tem uma série de especificidades, sobretudo no que se refere ao (quase) pleno entendimento da língua e à tradição histórico-cultural compartilhada. Neste percurso é sugerida uma construção de repertório baseada na experiência empírica e moldada a partir da interdisciplinaridade, sobretudo com a presença

* Mestre em Literatura Comparada (Erasmus Mundus Crossways in European Humanities, Licenciada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Leitora de Português do Brasil na Universidad de Santiago de Compostela (USC). E-mail: vivian.rangel@gmail.com.

Artigo recebido em 06/08/2018 e aceito para publicação em 17/12/2018.

da Literatura Comparada (com ênfase na Lusofonia).

Palavras-chave

Literatura brasileira; Galiza; Galícia; lusofonia; ensino

Abstract

This study presents some considerations about the teaching of Brazilian literature in Galicia from the perspective of a Brazilian Lecturer working at Universidad de Santiago de Compostela (USC)'s Philology Faculty. Since 1998 USC contracts Brazilian professors to work as Lectors who should develop specific didactic strategies to teach in Galicia, considering the (almost) full comprehension of the Portuguese language by the students and the historic and cultural traditions shared between Galicia and Brazil. This paper, based on empirical experience, suggests the use of an interdisciplinary field considering fundamentally the domains of Comparative Literature (with emphasis on the Lusophony).

Keywords

Brazilian Literature; Galicia; Lusophony; Lusosphere; Teaching

1- Introdução

Na década de 90, quando a *Word Wild Web* era apenas um bebê crescendo em berço americano, os professores interessados em Literatura Brasileira na Europa não tinham muitas opções para reunir materiais didáticos: viajar ao Brasil, buscar eventos em Portugal e rastrear acervos de bibliotecas eram as mais frequentes. Como conta a Professora Titular de Literatura Brasileira na Universidad de Santiago de Compostela, Carmen Villarino Pardo (2014), no artigo publicado na coletânea *A primeira Aula Trânsitos da Literatura brasileira no estrangeiro*, não era fácil estabelecer contato com “aquele Brasil” que chegava timidamente - era preciso recorrer ao “contrabando livresco” que em uma de suas viagens chegou a somar 97 quilos em livros.

Mais de 20 anos depois, a presença dos Estudos Brasileiros na Universidad de Santiago de Compostela (USC) se consolidou em uma trajetória frutífera. Considerando o contexto dos 20 anos de presença de Leitores¹ brasileiros na USC, este texto tem como objetivo traçar um panorama dos desafios de ensinar literatura e cultura brasileiras na Galiza a partir da experiência empírica de um Leitor. O artigo recorre um pouco da história cultural e linguística compartilhada com a Galiza e justifica algumas escolhas teórico-didáticas adotadas depois de anos dedicados a ensinar literatura brasileira na Galiza. Considerando a formação na tradição brasileira e também a visão sociológica e sistêmica adotada por alguns investigadores do Departamento de

opiniões

Filologia Galega da USC, o artigo defende que as aulas de literatura se enriquecem ao serem organizadas a partir da perspectiva da Literatura Comparada, especificamente do estudo do campo da Lusofonia. Além dos fundamentos teóricos, o trabalho também discorre sobre a mudança nas dinâmicas das aulas consolidadas a partir das mudanças no quadro do Espaço Europeu de Educação Superior impulsionadas pelo Plano Bolonha.

A faculdade de Filologia da Universidad de Santiago de Compostela tem docência especializada de Língua portuguesa, Literatura e Cultura Brasileira (além de outras disciplinas que também focam assuntos brasileiros) desde 1996, quando — poucos anos antes — foram aprovados novos planos de estudos de Filologia Portuguesa. Estas primeiras diretrizes e os primeiros alunos dos estudos galego-portugueses ajudariam a fixar a Universidad de Santiago de Compostela como um ponto de referência para os estudos lusófonos dentro da Espanha e também internacionalmente.

Há pouco mais de 20 anos eram praticamente inexistentes cursos específicos sobre a literatura e a cultura brasileiras nas universidades espanholas e a primeira aula do primeiro curso de literatura brasileira da USC ficou a cargo de Carmen Villarino (2014). Nesse momento, além do quadro de professores próprios, a faculdade contava também com dois Leitores de Portugal, financiados pelo Instituto Camões, para ministrar aulas de língua e literatura portuguesa (uma tradição que vinha de décadas anteriores). Com o objetivo de que os

alunos se aproximassem um pouco mais da realidade brasileira e tivessem contato direto com a língua, a cultura e a literatura do Brasil, o núcleo de docentes de português considerou que a participação de um professor nativo era imprescindível.

O primeiro Leitor, contratado pela USC, em 1998, foi escolhido através de um processo seletivo realizado pelo Departamento de Filologia Galega da USC, uma das Universidades pioneiras em contratar Leitores nativos dentro do Estado Espanhol². Nestes 20 anos foram nove os leitores que fizeram parte do quadro docente (a partir de 2008 a seleção passou a ser feita em parceria com a Universidade de São Paulo). Durante seis anos, além da parceria com o Leitor português, também foram selecionados Leitores procedentes dos PALOP, uma experiência, docente e discente, muito enriquecedora³.

O leitor brasileiro na USC tem como trabalho principal ministrar matérias de língua, literatura e cultura. Quase sempre as aulas são divididas com os professores do quadro da USC que coordenam e definem programas, guias e linhas teóricas. As principais matérias são aulas de Língua em vários níveis, Literatura Brasileira (tradição e contemporaneidade), matérias em Literatura Comparada e Cultura do Brasil. Além disso, em parceria com os professores titulares, o Leitor deve promover e ajudar a organizar atividades de difusão cultural do Brasil como Aulas Abertas, sessões de cinema e música e colóquios, entre outros.

Muitas vezes um professor iniciante, o Leitor, em termos práticos, não tem apenas a responsabilidade de selecionar as melhores técnicas didáticas e adaptar-se a uma dinâmica acadêmica nova: dele se espera que trabalhe também como uma espécie de “embaixador-professor”. Ponte entre culturas deve mediar a aproximação a um Brasil que, se já não é “aquele Brasil” descrito por Villarino em *sua primeira aula* tampouco pode ser reduzido ao espalhafatoso corte de cabelo de Neymar ou o novo videoclipe de Anitta⁴.

2. Conhecer a Galiza

É provável que os estudantes de Letras brasileiros tenham escutado pela primeira vez a palavra Galiza ou Galícia no início de seus estudos, seja nas matérias de língua ou gramática histórica, seja nas matérias de literatura, quando esquadrinham a lírica medieval galego-portuguesa. A partir dessa variante da poesia trovadoresca se desenvolveram os diferentes ritmos e sotaques que conformam o que hoje entendemos como lusofonia ainda que o uso do termo seja questionado por diversos investigadores como Pina Cabral (2010) e Vasconcellos (2014). Esse DNA galego da língua portuguesa talvez seja a primeira grande evidência constatada ao visitar a Galiza ou Galícia, uma polêmica escolha que, mais do que ortográfica, evidencia uma luta política.

No Brasil, a grafia mais frequente para designar a região e comunidade autônoma é Galícia, a mesma usada pelo Estado Espanhol. No entanto, a

Real Academia Espanhola (RAE) e a Real Academia Galega (RAG), principais responsáveis pela normatização das línguas espanhola e galega, respectivamente, estabelecem que as duas grafias podem ser usadas, exceto quando se trata de nomes de órgãos oficiais, quando Galícia é a preferida. A escolha de uma das grafias é quase sempre feita a partir de motivações políticas: alguns investigadores galegos, como Monteiro Santalha (1982), consideram que a grafia Galiza (usada desde a Idade Média) é a mais correta e teria sido corrompida por imposição da política espanholista. Santalha, por meio de um estudo etimológico da palavra em textos literários e não-literários, conclui que “Galiza é a forma genuína da nossa língua, enquanto Galícia é (como o correspondente gentílico galego) um castelhanismo introduzido na fala popular galega em tempos modernos.” (SANTALLA, 2002, p.3).

Na comunidade autónoma de Galícia coexistem oficialmente duas línguas o galego e o castelhano, uma convivência nem sempre pacífica considerando que ainda prevalece a diglossia em distintas gradações. O termo linguístico diglossia, cunhado por Charles A. Ferguson, de acordo com o dicionário do Portal da Língua Portuguesa (2018), expressa uma “situação linguística em que duas ou mais línguas são utilizadas no mesmo terreno geográfico de modos diferentes e desempenhando papéis sociais diferentes, por exemplo, sendo uma utilizada para o ensino, religião e governo e a outra ao nível das interações familiares”. Em outras palavras: o uso do galego é

opiniões

considerado, por parte da população, língua afetiva ou familiar, mas menos “oficial” do que o castelhano. Em muitos casos, os pais empregam habitualmente o galego para conversar entre si, mas falam com os filhos em castelhano. A situação é absolutamente heterogênea e variável em cada uma das cidades galegas: em algumas, como Santiago de Compostela, o uso do galego é cotidiano, em outras há um claro predomínio do castelhano no âmbito público. Em uma pesquisa publicada pelo Instituto Galego de Estatística (IGE), em 2014, é possível concluir que o uso do galego vem diminuindo entre as novas gerações, seja pelo pouco sucesso das políticas de normatização ou pela perda da transmissão linguística familiar.

Em 2013, 31,2% dos galegos fala habitualmente sempre em galego. Esta porcentagem é muito semelhante ao resultado encontrado em 2008 (30,29%) mas 12 pontos inferior à registrada há dez anos. Por outro lado, a porcentagem da população que fala mais galego que castelhano diminuiu 6,44 pontos com respeito à registrada em 2008 e representa 20,29%, enquanto que a dos que falam mais castelhano do que galego quase não variou nos últimos cinco anos: 22,7% em 2008 e 22,26% em 2013. Por último, pouco mais do que 26% dos residentes na Galícia falam sempre em castelhano, 6 pontos percentuais a mais do que em 2008. (IGE, 2014)⁵

A normatização da língua galega começou a ser feita na década de 80, coordenado pela Real Academia Galega (RAG), ILG (Instituto da Língua Galega) e a USC. As escolhas linguísticas oficiais, no entanto, nem sempre são vistas pelos galegos como reflexo de sua “própria” língua. A normativa sofreu críticas por privilegiar a matriz e a referencialidade do castelhano, sobretudo pelo coletivo Reintegracionista, que defende que o galego e o português fazem parte do mesmo grupo linguístico, sendo uma variante a mais do tronco galego-português medieval, como também seria o português do Brasil. Não é objetivo deste artigo detalhar as posturas políticas ou linguísticas, que podem ser aprofundadas em Lapa (1979) e Rodríguez (1999), mas aportar um breve quadro situacional que ajude a compreender as sugestões e critérios teórico-didáticos de um professor de português do Brasil na Galiza. Compreender os conflitos linguísticos é também reconhecer que o grupo de estudantes de português é sempre heterogêneo e que os alunos que usam o galego como língua habitual terão maior facilidade e familiaridade inicial com o português.

Se na Comunidade Autônoma como um todo o uso do galego como primeira língua nem sempre é o mais frequente⁶, a defesa da preservação e do uso prioritário do galego pode ser vista diariamente na geografia e na memória de Santiago de Compostela. No Brasil, no entanto, há um grande desconhecimento sobre o que é a Galiza e a língua galega, mais antiga expressão

literária de língua portuguesa, cultivada entre os séculos XII e XIV, como explica Carmen Villarino Pardo em sua Tese de doutorado sobre a escritora galego-brasileira Nélida Piñon:

Se bem que a tradição da lírica medieval galego-portuguesa esteja presente para muitos brasileiros, especialmente no mundo acadêmico, o mundo galego parece reduzir-se para eles a essas referências ligadas com o esplendoroso passado medieval e com as levas de imigrantes que chegaram ao país procedentes da longínqua Galiza na virada do século XIX para o XX. De modo que a imagem de uma terra pequena, com enormes similitudes linguísticas e culturais com o Brasil de marcadas raízes portuguesas, fica reduzida a épocas passadas diluídas no nevoeiro histórico e popular (VILLARINO, 2000, p.405).

Nos últimos anos, o aumento de estudos sobre a lusofonia, a frequência dos brasileiros na peregrinação do Caminho de Santiago e o sucesso do best-seller *Diário de um mago*, de Paulo Coelho possibilitaram que mais brasileiros conhecessem a Galiza. No entanto, em termos gerais esse conhecimento ainda é muito escasso⁷. Na investigação elaborada pela USC denominada *Lusofonia, interactividade e interculturalidade* (LEDO, 2009, p. 96-103) alunos de universidades brasileiras, como a PUCRS e a UFBA responderam a um questionário que incluía perguntas sobre os conceitos de Lusofonia e informações sobre esta comunidade autônoma. Os resultados

comprovaram profundo desconhecimento dos termos, pouco ou nenhum contato anterior com a língua e desconexão geográfica: poucos foram capazes de identificar a região no mapa. No entanto "(...) o sentimento em geral é de surpresa e satisfação ao descobrir uma comunidade linguística próxima ao português dentro do Estado espanhol." (LEDO, 2009, p.97)⁸.

Mesmo entre brasileiros que fizeram o Caminho de Santiago, como demonstra outro estudo, promovido pelo grupo de investigação Galabra, da USC, o projeto de pesquisa "Discursos, imagens e práticas culturais em Santiago de Compostela como meta dos Caminhos de Santiago"⁹ é possível constatar como a imagem da cidade de Santiago de Compostela está ligada quase que exclusivamente ao imaginário das peregrinações, mas que estes peregrinos e/ou visitantes brasileiros chegam (e muitas vezes saem) com poucas informações sobre a Galiza¹⁰. Nas conclusões do estudo a grande maioria dos visitantes não questiona a proximidade linguística.

Este desconhecimento é muitas vezes o pano de fundo da chegada do Leitor que, dependendo sempre de suas leituras teóricas prévias, vive a surpresa de descobrir-se em um lugar muito específico, uma potencialidade nova a ser desenvolvida em uma geografia que mantém históricos e estreitos vínculos linguísticos e culturais com o Brasil. É provável que nestes 20 anos de presença de estudos brasileiros na USC quase todos os Leitores tenham vivido uma

opiniões

experiência única ao contrastar a cultura brasileira dentro do território galego: se por um lado toda migração traz experiências de choque e alteridade, por outro, situar-se e ensinar em território galego é uma vivência de frequentes reconhecimentos.

2.1 (Re)conhecer e repensar a Lusofonia

Viver na Galiza é um contrastar brasilidade e lusofonia em geografias e sotaques distintos: seja na própria Galiza, no contato com produtos culturais dos Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) e, evidentemente, em Portugal, fronteira permeável quase omnipresente. O conceito de Lusofonia, originalmente utilizado para unir em bloco habitantes de diversas regiões que falam português é um dos primeiros que exige ser estudado e confrontado, além da etimologia. Como define o filósofo português Eduardo Lourenço:

A lusofonia não é nenhum reino mesmo encantadamente folclórico. É só - e não é pouco nem simples - aquela esfera de comunicação e de compreensão determinada pelo uso da língua portuguesa (...) um continente imaterial disperso pelos vários continentes (Lourenço in Cristóvão, 2008, p. 29).

Um dos primeiros a sugerir a formação de um bloco linguístico foi o crítico e historiador da literatura brasileiro Sílvio Romero, ainda em 1902, contrariando a hegemonia de um Brasil recém-

independente onde florescia o antilusismo. Ao longo dos anos, irmão de outras “Comunidades imaginárias” como a francofonia ou anglofonia, para usar o famoso conceito de Benedict Anderson (2008), a ideia de Lusofonia foi sendo constantemente revista e reforçada, sobretudo após a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em 1996, que de certa maneira a institucionaliza. Para Anderson (2008, p.188) “A característica mais importante da língua é, no máximo, sua capacidade em gerar comunidades imaginadas, forjando na verdade solidariedades particulares”¹¹.

Analisada a partir desta ideia de Anderson, entende-se porque a lusofonia “uma simultaneidade de espaços e realidades, sob o signo unificador da partilha da língua” (FONSECA, 2014, p.2) é muitas vezes acusada de atuar apenas como um novo rótulo que agruparia todas as ex-colônias debaixo do velho manto protetor português. Em outras palavras: como uma nova etiqueta emissária do neocolonialismo que saiu do campo geográfico para dominar o cultural e linguístico. Como explica Cabral (2010), existiria a tendência a uma formular uma espécie de “Ecumene Lusotópica” dourando um passado comum que “nem sempre tinha as mesmas características em toda a parte; nem sempre com a mesma intensidade; nem sempre com densidade igual” (CABRAL, 2010, p.15).

O autor desenvolve seu texto inspirado pela já clássica definição de Ulf Hannerz (1989), pensando

a cultura *in a global ecumene*, uma mudança na forma de ver a cultura que deixa de ser imaginada como um mosaico que permite trocas entre fronteiras para ser pensada como uma cultura que flui no espaço. A “lusotopia”, neste sentido, seria uma rede de contatos que deixa marcas nas cidades, na gastronomia e nas narrativas, criando uma teia onde “as disposições para identificação na pessoa singular que está em causa são aprofundadas e reforçadas, predispondo essa pessoa para instâncias ulteriores de reconhecimento” (CABRAL, 2010, p.12). Esses reconhecimentos, porém, além de muitas vezes artificiais, são fabricados a partir de uma relação desigual, remanescência pós-colonial que apagaria um passado que se foi de identificação também foi de violência.

As críticas ao conceito, no entanto, não invalidam a existência desta comunidade que compartilha não só a língua, mas uma teia de tradições muitas vezes vinculadas ao passado colonial. Alguns autores procuram resolver o impasse das acepções colonialistas que o prefixo “luso” possa sugerir propondo outra marca que permita uma melhor adaptação ao presente e uma possível revisão do passado. Vasconcellos (2014), por exemplo, defende o termo Literatura Atlântica, retirando o foco do luso e trazendo-o para a água, descentralizando a comunidade e inserindo-a no mar que, se separa, também aproxima Portugal, Brasil e PALOP, sugerindo assim

uma outra maneira de pensar a lusofonia que não seja pautada pelas noções de

fonte e influência, origem e cópia, centro e periferia, mas que tente contemplar as relações existentes entre as literaturas dos diferentes países de língua portuguesa a partir da multiplicidade de caminhos, de uma via em que não há hierarquias, modelos ou tutores a seguir (VASCONCELLOS, 2014, p. 123).

O escritor brasileiro Luiz Ruffato, habituado a transitar por Portugal e Galiza e escrever sobre estas relações literárias e linguísticas também contribui para repensar o conceito e sugere, em 2005, uma nova palavra: *galeguia*. Segundo Ruffato, a *galeguia* “devolve o sentido original da raiz da nossa língua, relativiza o peso do passado colonial e reincorpora, com os devidos créditos, a Galiza a este universo comum.” (RUFFATO, 2007, p.214). O autor retoma o tema em um texto recentemente publicado na página BrasilGaliza onde defende o uso de *galeguia* como uma escolha que põe em foco a cultura compartilhada, necessária para desfazer mágoas e ressentimentos, e que “além de restituir uma dívida histórica, não esbarraria em antipatias e idiosincrasias acumuladas ao longo dos séculos.” (RUFFATO, 2018)

3. O ensino da Literatura inevitavelmente comparado

Ao consultar lista de matérias oferecidas aos estudantes de literatura e cultura em língua portuguesa da USC constatamos que a lusofonia é parte fundamental do conteúdo programático

opiniões

presente em cadeias como Literaturas de língua portuguesa, Literaturas Comparadas na Lusofonia e Relações Galiza Lusofonia, entre outras. As possibilidades comparativas são facilitadas ainda pela facilidade em consultar os textos em seus formatos originais: os alunos compreendem facilmente o português, falam castelhano e costumam ter um nível médio-alto em inglês. No início do curso é sempre recomendável fazer um levantamento de que conhecimentos têm os estudantes sobre o Brasil e que expectativas trazem.

A aproximação cultural proporcionada sobretudo pela difusão do uso da internet faz com que os alunos comecem seus estudos mencionando alguns escritores canônicos como Clarice Lispector ou Jorge Amado e muitos cantores populares como Michel Teló e Gustavo Lima. No entanto, poucos são os que já tiveram a oportunidade de ler autores brasileiros. Neste sentido uma pequena exposição geográfica e histórica é sempre bem-vinda para então adentrar no “caso brasileiro” e na formação de sua literatura, seguindo os ensinamentos de Antonio Candido. Como bem explicou o teórico e crítico literário é preciso desmistificar a ideia romântica de uma literatura selvagem e exótica, gerada em um paraíso tropical por seus nativos.

A nossa crítica naturalista, prolongando sugestões românticas, transmitiu por vezes a ideia enganadora de que a literatura foi aqui produto do encontro de três tradições culturais: a do

português, a do índio e a do africano. Ora, as influências dos dois últimos grupos só se exerceram (e aí intensamente) no plano folclórico; na literatura escrita atuaram de maneira remota, na medida em que influíram na transformação da sensibilidade portuguesa favorecendo um modo de ser que, por sua vez, foi influir na criação literária. Portanto, o que houve não foi fusão prévia para formar uma literatura, mas modificação do universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento ao Novo Mundo. (CANDIDO, 2009, p. 1-2).

Neste sentido muitos alunos, ao estudar textos brasileiros contemporâneos, se surpreendem com o que consideram uma literatura “muito europeia” reflexo de uma cultura local por vezes muito menos distante e diferente do que esperavam. Em países que tiveram que consolidar sua unificação com base na contraposição ao colonizador, como no caso do Brasil e dos PALOP, é comum que a produção literária seja vista como um reflexo identitário, uma carta de apresentação baseada em elementos nacionais claramente reconhecíveis. Precisamente por isso é preciso contrastar em sala de aula a formação dos cânones tidos como representações nacionais e escritores contemporâneos que intencionalmente buscam fugir de rótulos como o de escritor brasileiro, o de escritor latino-americano ou o de escritor exótico

(este sempre usado para referenciar qualquer procedência não europeia).

Além de matizar as origens e a formação, é preciso destacar o caráter elitista que sempre rondou – e ainda que novos espaços venham sendo conquistados pelas classes mais baixas – ainda ronda a estrutura da produção cultural brasileira. A seleção dos cânones e a tardia formação do sistema literário brasileiro são assuntos imprescindíveis, assuntos que também são priorizados em outras matérias do âmbito lusófono, sobretudo os que abarcam os PALOP. Ao estudar o Brasil pela primeira vez é frequente que os alunos guardem as imagens dos poucos produtos culturais *made in Brasil* a qual tiveram acesso.

O papel das aulas de literatura neste sentido deve ser também uma espécie de alerta contra *The danger of a single story*, como denominou a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009)¹². Ao escolher uma seleção de textos que também inclui escritores tradicionalmente fora do cânon é possível desmontar estereótipos, desfazendo o risco de que a leitura de apenas uma representação da realidade, repetidamente citada, configure o esboço totalitário de uma identidade nacional. Durante o curso, a apresentação de autores como Bernardo Carvalho, Adriana Lisboa, Carola Saavedra e Julián Fuks permite trabalhar temas frequentes da literatura brasileira contemporânea como a metaliteratura, a autoficção e o cosmopolitismo. Muitas vezes por

meio de um protagonista autoconsciente e autorreferente, urbano e cosmopolita que viaja para (re)conhecer o Brasil.

A literatura periférica ou marginal é outro dos assuntos indispensáveis e que normalmente desperta muito interesse entre os alunos. A escolha de autores como Ferréz, Sérgio Vaz, Luiz Ruffato e Rodrigo Ciríaco possibilita que eles tenham contato não apenas com uma realidade brasileira de traços muito peculiares, mas também a possibilidade de questionar as noções de centro e periferia. A escolha do corpus deve ser vista como um recorte claramente limitado cujo objetivo é aproximar os estudantes dos múltiplos “brasis” e não como uma tentativa de conformar uma identidade nacional brasileira.

Buscar a verdadeira identidade de um país é perdê-la, simplesmente porque ela só pode ser feita do acúmulo das diferenças e nunca da repetição dos iguais. Um modelo de alma nacional fixo e essencial só pode ser definido em retrospecto, no reconhecimento de um padrão recorrente no clichê e na idealização do passado. (CARVALHO, 2005, p.201)

O uso da Literatura Comparada, conceituada em linhas gerais por Henry H. H. Remak, como “estudo da literatura além das fronteiras de um país particular e o estudo das relações entre a literatura e outras áreas de conhecimento ou de opinião”¹³ (Remak in Domínguez, 2013, p.13) pode

opiniões

ser valioso para preparar as aulas de Literatura Brasileira. O campo se enriquece quando pensado a partir de perspectivas atuais e que combatem o eurocentrismo como a ideia de *Múltiplas Moradas*, de Claudio Guillén (1998) que enfatiza a literatura como um sistema que não tem início nem fim, mas uma multiplicidade de residências. E também com o apoio do olhar cosmopolita, crítico e trotamundos de Franca Sinopoli (2002).

Se nas suas origens a Literatura Comparada pretendia comparar sistemas culturais muito distintos e em línguas distintas, no caso brasileiro a comparação deve assumir o desafio de uma cultura extremamente complexa de um país continental e repleto de imigrantes. A preparação das aulas de literatura brasileira deve ser feita considerando seu lugar como parte do quadro lusofônico, filha da tradição europeia, irmã de forças latino-americanas e profunda consumidora de ícones americanos. A análise se situaria sempre nessa tensão entre o particular e o geral, contrastando referências e similitudes estéticas e hermenêuticas. A história literária, por consequência, é vista como um sistema aberto, um caminho para a compreensão mais abrangente da contemporaneidade.

O Leitor brasileiro na USC quase sempre compartilha as matérias com algum dos professores titulares da faculdade, um grupo de investigadores que em sua maioria defende uma perspectiva sociológica e sistêmica da literatura. Embasados em teóricos como Itamar Even-Zohar

e Pierre Bourdieu, consideram que o campo literário é um organismo vivo, alimentado pelas constantes lutas entre centros e periferias. Composto não apenas pelo texto físico e suas virtudes estéticas deve ser refletido em conjunto com as tensões e agentes que o conformam, profundamente influenciado por mudanças sociais, políticas e econômicas:

Além de explorar a conformação de um cânone da literatura brasileira e os mecanismos de difusão e legitimação literárias, o programa da USC tem o objetivo de apresentar a produção literária – e os discursos a ela relacionados – como um fenômeno social. A ideia é que o alunado adquira, entre outras capacidades e destrezas, uma visão crítica dos processos culturais, focada mais em suas funções do que em suas questões estéticas. (VILLARINO, 2014, p.196)

As aulas de literatura brasileira deixam assim de ser pautadas em uma visão historicista e classificatória em períodos e tendências de cada época ou da expectativa de que o aluno tenha uma visão geral ou completa do Brasil. O foco é promover a capacidade de articular a literatura brasileira dentro do contexto universal e de outros campos do saber como a antropologia ou as artes plásticas. Neste sentido, é importante que o Leitor esteja atento ao repertório e as curiosidades de cada grupo de estudantes. Uma aula clássica como o estudo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, exige as referências de

Laurence Sterne, Xavier de Maistre e Eça de Queiroz, mas pode incluir também a presença do conto *El Aleph*, de Borges, bastante popular entre os alunos e que compartilha com Machado, no capítulo intitulado, “Delírio”, o interesse em conhecer toda a realidade do universo através do mito do Aleph.

Conhecer o repertório da literatura galega e a presença da literatura brasileira na Galiza também permite estabelecer conexões e situar possíveis interesses e curiosidades. Ainda assim surpreende constatar que o romance *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, publicado em 1968, é bastante conhecido por ter sido adotado como livro obrigatório em algumas escolas primárias. Dentro da história literária galega é frequente que os alunos mencionem Rosalia de Castro, escritora ícone do período de recuperação da identidade cultural do galego, Ressurgimento (em galego Rexurdimento), ao estudar alguns dos autores românticos brasileiros. Outra aproximação interessante é contrastar o lirismo e o apego à natureza da escritora galega e a poética de Cecília Meireles.

4. Metodologia, Plano Bolonha e avaliação contínua

Nos últimos anos, especificamente a partir de 2010, os docentes da USC tiveram que implementar uma profunda mudança metodológica impulsionada pelo Processo de

Bolonha, uma renovação dos planos de estudo no novo quadro do Espaço Europeu de Educação Superior. As mudanças tinham como objetivo compatibilizar o ensino das universidades europeias dentro de um marco europeu e promover uma avaliação que priorizasse competências e aptidões mais adequadas às exigências do mercado de trabalho.

Bolonha pretendia introduzir maior autonomia na configuração do ensino dos centros, instava a uma renovação das tecnologias, fomentava a mobilidade dos estudantes, potenciava os estudos de pós-graduação e regulava um complexo sistema de avaliação de títulos orientado a acreditar na qualidade.¹⁴ (LABIANO, 2017).

Na nova configuração da Graduação, a Faculdade de Filologia da USC passou a oferecer uma estrutura em que o aluno de Estudos Lusófonos pode ter uma formação exclusiva nessa área (com um vasto repertório de matérias de Língua, Literatura e Cultura) ou compatibilizando com outra formação dentro das oferecidas dentro da Graduação em Línguas e Literaturas Modernas.

Em termos acadêmicos e didáticos, as mudanças propostas por Bolonha tiveram como consequências diretas a reformulação dos programas, a ativação das dinâmicas das aulas e uma transformação nos métodos de avaliação da nota final. Um dos pilares foi uma aplicação mais exaustiva do chamado modelo de avaliação contínua que implica avaliar os estudantes por

opiniões

meio de uma série de tarefas realizadas ao longo do curso: trabalhos de investigação, práticas e apresentações, entre outros, que retiram o peso da nota final da prova realizada em modelo tradicional. Em algumas matérias os estudantes que realizam com êxito os trabalhos propostos — em casa e durante as aulas — são isentos de prova final.

Além das matérias de literatura e cultura os leitores também ministram matérias de língua, todas elas falando português pleno desde o primeiro dia e utilizando os textos originais. O desenvolvimento do material para as aulas de língua deve ser, portanto, personalizado, por meio da elaboração de exercícios e atividades que permitam o ensino da língua decompondo falsos amigos castelhanos e enfocando a parte lexical que se distancia do galego e do Português europeu. Nesse sentido, os leitores são sempre orientados a priorizar aspectos culturais e lexicais e transmitir assim uma experiência nativa e atual da língua falada no Brasil. As dinâmicas de aula devem incluir muitas práticas orais com uso de material audiovisual que detalhe tanto os registros possíveis no português do Brasil como suas variações regionais.

Nas matérias de Literatura e Cultura do Brasil os guias didáticos e programas foram reformulados para que os alunos pudessem construir um método de trabalho contínuo que pressupõe a participação ativa e o uso de recursos digitais e não apenas a leitura e comentário dos

textos propostos. Ao consultar o guia da matéria Literatura Brasileira ¹ é possível constatar que além de conhecer o conteúdo literário brasileiro mais relevante do século XVI ao XIX se espera que o aluno possa “desenvolver competências, destrezas e habilidades relativas ao trabalho cooperativo e em equipa, debate e argumentação, comunicação oral e escrita, criatividade, iniciativa e tomada de decisões” (VILLARINO, 2017, p.7).

O programa da matéria enfatiza que os estudantes devem consultar as fontes primárias, os textos críticos e as histórias da literatura como manifestações heterogêneas, tendo sempre em conta a construção dos cânones e os fenômenos sociais, econômicos e políticos que os regem. Em termos práticos isto significa, por exemplo, que a Carta de Pero Vaz de Caminha não é apenas lida, estudada e analisada em sala de aula, mas que os alunos fazem trabalhos de pesquisa bibliográfica e digital para encontrar reapropriações e reescrituras deste primeiro texto, tão presentes – por exemplo- no modernismo brasileiro.

As tarefas são entregues, habitualmente, através da Plataforma digital da USC, o Campus Virtual, que além de servir como repositório de textos, local de entrega dos trabalhos e ferramenta de comunicação com os estudantes, também permite desenvolvimento de outras atividades como a construção de dicionários de verbetes em conjunto e fóruns de debates. Desta maneira, os alunos podem consultar facilmente notícias, vídeos e páginas especializadas além de construírem

informações coletivamente. Ademais dos conhecimentos cognitivos se espera que os estudantes desenvolvam competências como trabalhar em equipe e utilizar o método científico através da elaboração de projetos próprios. Ao professor caberia fazer um seguimento de aprendizagem ao longo de todo o curso, valorizando competências e interesses pessoais e compatibilizando-os com o programa básico proposto.

Além do foco na aprendizagem e desenvolvimento de habilidades contínuo, do professor também se espera que não apenas se mantenha atualizado, mas que cada vez mais se configure como um curador de conhecimento. Uma aprendizagem efetiva que inclua o uso das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) exige que o docente/tutor acompanhe os estudantes em seus percursos pessoais. O papel do professor como mediador obviamente não é uma novidade: mas implica novos desafios num entorno digital que prima pela abundância da informação. A abundância de fontes, ao invés de gerar autodidatas, pode provocar uma espécie de vertigem da informação e cabe ao professor orientar a aprendizagem para que essa carga de dados possa ser processada e deglutida como informação.

O professor ao assumir seu papel de curador retoma e renova o conceito de professor-propositor cunhado por Lygia Clark em 1964 e ainda totalmente pertinente, e não apenas no

contexto do ensino das artes plásticas: “Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. (...) enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação.” (CLARK, 1964). As proposições devem ser feitas não apenas para estimular novas formas de olhar o texto literário, mas também para promover o treino de habilidades que incluem saber organizar o estudo, buscar fontes fiáveis e treinar o pensamento crítico na elaboração de trabalhos multimídia.

5. BrasilGaliza - Para entender melhor o Brasil e sua Cultura

Nas duas últimas décadas foi possível notar o aumento de publicações de obras originais em português, a multiplicação de projetos de investigação sobre literatura e mercado editorial brasileiro e a repercussão da literatura contemporânea brasileira na Galiza¹⁵. É verdade que o acesso aos livros originais ainda é limitado e quase sempre os preços de importação e transporte são proibitivos, além da demora na entrega. No entanto, como detalha Luciana Guedes (2014), ao fazer um levantamento de títulos de autores brasileiros disponíveis em Bibliotecas galegas, “há mais de dois mil exemplares de títulos de aproximadamente 100 autores brasileiros disponíveis para empréstimo” (Guedes, 2014, p.187), um número bastante expressivo. A autora também destaca que a Espanha é o terceiro comprador europeu de livros brasileiros, ficando atrás apenas da Inglaterra e Portugal.

opiniões

A importância da USC como catalisadora dessa multiplicação das relações entre Galiza e Brasil pode ser vista em um histórico recentemente reunido na página BrasilGaliza²⁶ que pretende ser um elo entre o passado e a vanguarda literária brasileira. A página é uma iniciativa da professora titular de Literatura Brasileira na USC, Carmen Villarino Pardo, dois doutorandos da Faculdade de Filologia, Janaína Marques e Márlio Barcelos, e a atual leitora. Nestes 20 anos de atividades passaram pelas salas de aula da Faculdade de Filologia escritores e pesquisadores como Nélida Piñon, Amílcar Bettega, Alice Ruiz, Regina Dalcastagnè, Michel Yakini, apenas por citar alguns convidados dos últimos anos.

Além de poder consultar parte das atividades culturais e literárias que foram realizadas desde o início do período dos estudos brasileiro a página assume a função de curadoria de conteúdo. Nela os alunos podem consultar uma lista de enlaces que englobam desde páginas já consolidadas do cânon literário, como a Academia Brasileira de Letras e outras instituições, até revistas e suplementos literários e Grupos de Investigação. Outro tipo de conteúdo mais dinâmico, como reportagens, estudos e notícias relevantes, é também compartilhado em uma comunidade na rede social *Facebook* que tem o objetivo de centralizar comunidades de interesse e fomentar o diálogo e a difusão entre os inscritos.

A BrasilGaliza também tem como objetivo produzir conteúdo inédito e especializado em duas

propostas distintas: as seções Reflexões e *Blog*. O objetivo do *Blog* é publicar resenhas de livros, espetáculos e peças teatrais, exposições, espetáculos (música, dança, etc.), feiras/festivais literários e outros eventos relevantes nas áreas de Cultura e Literatura do Brasil, realizados nos últimos dois anos. Desta forma, os alunos podem não só ter acesso ao material selecionado e contemporâneo como também produzi-lo (apenas os alunos da graduação da USC podem enviar colaborações, para membros de outras instituições é necessário ter mestrado). A aproximação dos alunos a um conteúdo de qualidade em meio digital pretende ser outra forma de construção de conhecimento fora da sala de aula, aumentando o contato com a cultura brasileira de forma ampla e dinâmica.

No enlace Reflexões são “publicados mensalmente textos de produção teórica, crítica e ensaística nas áreas de Literatura e Cultura Brasileiras”. (BRASILGALIZA, 2018). A cada três meses é escolhido um tema principal e três investigadores, escritores ou artistas, em geral, contribuem com um trabalho inédito com extensão entre uma e duas páginas. Os textos são assinados tanto por autores do Brasil como do exterior e o objetivo, novamente citando a página, é “fomentar um debate qualificado nestas áreas de estudos em reflexões breves, instigantes e diversas”.

A primeira das Reflexões tem como tema geral As Relações Galiza-Brasil, que inclui o já citado texto de Luiz Ruffato e sua defesa da galeguia. Outra

perspectiva relevante é o artigo da jornalista e organizadora do encontro literário Correntes d'Escritas-Encontro de Escritores de Expressão Ibérica, Manuela Ribeiro, que escreve sobre a lusofonia a partir do olhar de uma autora portuguesa que cresceu cercada por memórias brasileiras e só foi repensar a Galiza dentro de um contexto cultural próximo bastante mais tarde.

A página pretende ser uma ferramenta útil para dinamizar o processo de aprendizagem fomentando uma participação de jovens que vindos de uma tradição de aulas magistrais são, comparativamente com os alunos brasileiros, mais tímidos. Para seduzi-los, a literatura brasileira pode surgir por meio de bons e variados textos que dialoguem com seus repertórios e estimulem uma nova forma de pensar que ultrapasse uma identidade nacional e os cânones institucionais. Literatura, palavra que convoca alteridades e escava subjetividades, como tão bem define João Gilberto Noll, outro dos escritores que também esteve na USC, nos *Encontros do Paraninfo*, em 2010:

De onde vem esse material com o qual, supõe-se, o leitor se envolverá? Por que, ao fim e ao cabo, seu sumo dirá respeito também ao outro? Talvez porque o âmago de toda a experiência humana venha da mesma fonte. Talvez a qualidade mais perene seja enfim o canal por onde todos passam para adquirir bem ou mal a consciência de si. É sobre essa travessia que a palavra pode incidir para reinventá-la, dando conta de um

excedente superior que, nas teias sociais, costumamos calar. E reprimir. Nesse caso, o livro que temos nas mãos pode conter a pulsão libertária que só a memória perdida soube tecer (NOLL, 2010).

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda. *The danger of a single story*. Disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?utm_campaign=social&utm_medium=referral&utm_source=facebook.com&utm_content=talk&utm_term=humanities. Acesso em 20 de julho de 2018.

Brasilgaliza. Disponível em <<https://brasilgaliza.wixsite.com/brasilgaliza>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

CARVALHO, Bernardo. *O mundo fora dos eixos*. São Paulo: Publifolha, 2005.

CLARK, Lygia. *Livro-Obra*. Disponível em: <http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=25>. Acesso em 16 de julho de 2018.

opiniões

CRISTÓVÃO, Fernando. *Da Lusitanidade à Lusofonia*. Coimbra: Almedina, 2008.

DOMÍNGUEZ, César. *Literatura europea comparada*. Madrid: Arco Libros, 2013.

European Commission. *O Processo de Bolonha e o Espaço Europeu do Ensino Superior*. Disponível em: <http://ec.europa.eu/education/policy/higher-education/bologna-process_pt>. Acesso em 15 de julho de 2018.

FONSECA, Ana Margarida. *Em português nos entendemos? Lusofonia, literatura-mundo e as derivas da escrita*. Revista de Sociologia Configurações, n.12, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/configuracoes/2041?lang=es>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

GNISCI, Armando. *Introducción a la literatura comparada*. Barcelona: Crítica Letras de humanidades, 2002.

GUEDES, Luciana. "O acesso do leitor, hoje, à literatura brasileira nas bibliotecas e livrarias da Galiza", *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos, XXIV*, pp. 185-196. Disponível em: <<http://www.mecd.gob.es/brasil/dms/consejerias-exteriores/brasil/2014/publicaciones/abehxxiv2.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

HANNERZ, Ulf. *Notes on the Global Ecumene*. Public Culture, 1989. Disponível em <<https://doi.org/10.1215/08992363-1-2-66>>. Acesso em 13 de julho de 2018.

Instituto Galego de Estatística, Enquisa de condicións de vida das familias. Coñecemento e uso do galego, 2014.

Disponível em <http://www.ige.eu/estatico/estat.jsp?ruta=html/gl/ecv/ECV_ResumoResultados_galego.htm> Acesso em 13 de julho de 2018.

LABIANO, Javier. *El Plan Bolonia, una asignatura difícil*. Disponível em: <https://cincodias.elpais.com/cincodias/2017/09/08/fortunas/1504887825_110881.html?rel=str_articulo#1530521027684>. Acesso em 2 de julho de 2018.

LAPA, Manuel. *Estudos Galego-Portugueses*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1979.

LEDO, Margarita. *Lusofonía, interactividad e interculturalidade - Informe final da investigación*. Santiago de Compostela: Unidixital (USC), 2009.

NOLL, João Gilberto. *João Gilberto Noll detalha sua forma de criação*. Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/joao-gilberto-noll-detalha-sua-forma-de-criacao,618438>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

PINA-CABRAL, João de. *Lusotopia como ecumene*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.25, n.:74, 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n74/a01v2574.pdf>.

Portal da Língua Portuguesa. Dicionário de termos linguísticos. Disponível em <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=782>>. Acesso em 30 de julho de 2018.

Real Academia Galega. *O galego no mundo*. Disponível em: <<https://academia.gal/datos-uso>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

RODRÍGUEZ, José Luiz. *Reflexões sobre o ensino do português para galego-falantes*. Trabalho apresentado no Primero Encuentro de Lusitanistas Españoles, in Actas do Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera, 1999. Cáceres: Junta da Extremadura, pp. 1097-1116.

RUFFATO, Luiz. Galeguia. In: *Revista Agália*, nº 89-90 / 1º Semestre (2007): 213 - 214 / Issn: 1130-3557. Disponível em: <<http://ppl.gal/visita-galiza-o-brasileiro-luiz-ruffato-escriptor-galego-universal-2015/luiz-ruffato-galeguia-agalia-89-90-2007/>>. Acesso em 2 de julho de 2018.

_____. Uma modesta sugestão. In: BrasilGaliza. Disponível em: <<https://brasilgaliza.wixsite.com/brasilgaliza/luiz-ruffato>>. Acesso em 15 junho 2018.

SALGADO, Daniel. Território da Galeguia. Disponível em: https://elpais.com/diario/2011/02/04/galicia/1296818303_850215.html. Acesso em 2 de julho de 2018.

SANTALLA, José-Martinho. O nome da Galiza. E-book, 2002, AGAL, GZ e-ditora. Disponível em: <www.agal-gz.org/pdf/GZe-ditora_015.pdf>. Acesso em 6 de julho de 2018.

SEVILLANO, Elena. *Que há cambiando Bolonia?* Disponível em: <https://elpais.com/economia/2018/06/26/actualidad/1530011073_361275.html?id_externo_rsoc=TW_FOR_CM>. Acesso em 28 de junho de 2018.

SINOPOLI, Franca, “La historia comparada de la literatura”. In GNISCI, Armando. *Introducción a la*

literatura comparada, 2002, Barcelona: Crítica Letras de humanidad,2002.

VASCONCELLOS, Lisa. Literatura Atlântica: notas sobre o comparatismo em língua portuguesa. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 25, p. 119-129, 2014. ISSN 2317-8086. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/69546/97319>>. Acesso em 26 de junho de 2018.

VILLARINO, Carmen. *Aproximação à obra de Nélide Piñon*. A república dos sonhos. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filologia Galego e Portuguesa, Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 2002.

_____. Outros modos do olhar estrangeiro sobre a literatura e a cultura brasileira, In: *A primeira aula - Trânsitos da literatura brasileira no estrangeiro*. São Paulo: Itaú Cultural, 2014, p. (190-197).

_____. Produtos literários e práticas culturais de brasileiros sobre Santiago de Compostela: proposta de análise contrastiva dos corpora (romances e inquéritos). In Estudos da AIL em Teoria e Metodologia: Relacionamento nas Lusofonias I. Santiago de Compostela, Coimbra: AIL Editora, 2015. p. 90-104.

_____. *Guia docente e material didático, Literatura Brasileira* 1. Disponível em: <www.usc.es/export9/sites/webinstitucional/gl/centros/filologia/guiacentros/arquivos/MOD_PT/LITERATURA_BRASILEIRA_1.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2018.

opiniões

Notas

1 Leitor será grafado com maiúsculas sempre que fizer referência ao cargo.

2 Dados retirados do documento “Dossier Brasil”, um histórico sobre os 20 anos de presença do leitor brasileiro na USC elaborado pelos professores Carmen Villarino e Carlos Quiroga, em 2012, para uso interno.

3 Infelizmente limitações econômicas não permitiram que novos professores do PALOP fossem contratados assim como também dificultam outras iniciativas como o convite a escritores e artistas brasileiros ou a importação de livros, problemas que ainda que pareçam fora de lugar neste trabalho são dignas de menção. Todas as aulas abertas e encontros com escritores brasileiros são fruto do esforço pessoal e rede de contatos dos professores da USC, visto que não há orçamento disponível para estes eventos.

4 Notícias “internacionais” comentadas por estudantes durante o curso de 2018 e publicadas em jornais locais.

5 Tradução da autora. Texto original: “En 2013 o 31,2% dos galegos habitualmente fala sempre en galego. Esta porcentaxe é moi similar á do ano 2008 (30,29%) pero 12 puntos inferior á rexistrada fai dez anos. Por outra banda, a porcentaxe de poboación que fala máis galego ca castelán diminuíu 6,44 puntos respecto ao ano 2008 ata situarse no 20,29%, mentres que a dos que falan máis castelán que galego case non

variou nos últimos cinco anos: 22,7% en 2008 e 22,26% en 2013. Por último, algo máis do 26% dos residentes en Galicia falan sempre en castelán, 6 puntos porcentuais máis que en 2008. ”

6 Mais informações sobre o uso do galego entre os mais jovens (usado como primeira língua por menos de 25% dos entrevistados) podem ser encontrados no artigo “Los jóvenes ‘falan’ poco ‘galego’”, disponível em: https://elpais.com/politica/2015/02/07/actualidad/1423332980_571320.html.

7 Além de evidências empíricas dos próprios Leitores mais informações sobre o desconhecimento da Galiza entre os brasileiros podem ser encontradas na tese de Antón Corbacho Quintela, *A aculturação e os galegos do Brasil- O Vazio galeguista* (2009) em: <https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/2596/9788498872583_content.pdf;jsessionid=CDBFF117DCC262E150C5D86DAA71844B?sequence=1

8 Tradução da autora: “(...) o sentir xeral é de sorpresa e satisfacción ao saber dunha comunidade lingüística próxima ao portugués dentro do Estado español.”

9 Projeto de pesquisa do Grupo Galabra da Universidad de Santiago de Compostela (<http://www.grupogalabra.com>), financiado pelo Ministerio de Economía y Competitividad do Governo espanhol e pelo Fundo Europeu de

Desenvolvimento Regional (FEDER), entre 2013 e 2015 (código FF12012-35521).

10 O texto “Produtos literários e práticas culturais de brasileiros sobre Santiago de Compostela: proposta de análise contrastiva dos corpora (romances e inquéritos)”, de Carmen Villarino descreve alguns desses resultados.

11 Tradução da autora. Texto original: “ Lo más importante de la lengua es, como mucho, su capacidad para generar comunidades imaginadas, forjando en efecto solidaridades particulares.”

12 Nesta palestra, Adichie ressalta os perigos da difusão de apenas um discurso repetido e reiterado (referindo-se, neste caso, à Nigéria e à África), discursos que ressaltam as diferenças mais do que as semelhanças. O contato com “apenas uma história” daria margem para que muitas pessoas considerassem que esta fosse representativa de uma identidade nacional periférica. O problema jamais ocorreria com nações soberanas como Estados Unidos ou Inglaterra, países onde produção e circulação de histórias heterogêneas é tendência dominante.

13 Tradução da autora: “estúdio de la literatura más allá de las fronteras de um país particular y el estúdio de las relaciones entre a

literatura y otras áreas de conocimiento o de opinión”.

14 Tradução da autora: “Bologna pretendía introducir mayor autonomía en la configuración de las enseñanzas por parte de los centros, reclamaba una renovación de las metodologías, fomentaba la movilidad de los estudiantes, potenciaba los estudios de posgrado y regulaba un complejo sistema de evaluación de títulos orientado a acreditar la calidad”.

15 O crescimento do interesse pela literatura brasileira e de que maneira ela é recebida na Galiza foi tema de dois eventos recentes importantes como o programa Conexões IV, em 2011 <<http://consellodacultura.gal/mediateca/evento.php?id=312>>, e o VI Colóquio literatura brasileira contemporânea, em 2016 <<http://pgl.gal/vi-coloquio-internacional-sobre-literatura-brasileira-contemporanea-o-local-o-nacional-o-internacional-brasil-galiza/>>.

16 Uma entrevista realizada pelo programa Conexões, do Itaú Cultural, à professora Carmen Villarino detalha os objetivos da página BrasilGaliza <http://conexoeditaucultural.org.br/entrevistas/universidade-de-santiago-de-compostela-lanca-site-brasil-galiza>